

02.) por CARLOS GOMES ¹

Curadoria e programação, espaços de criar e mediar

São enormes os desafios impostos a quem se coloca numa posição curatorial e de desenho de uma programação. A roupa que tal curador ou curadora veste já dirá muito de sua compreensão do papel que exerce ou pretende exercer. Determinadas perguntas podem levar, a quem associa a si tal função ou lugar de poder, a um caminho de autoconhecimento, tais como: que mediação está sendo cumprida no diálogo possível entre artistas e públicos? Que territórios do imaginário estão sendo loteados e para quais tipos de construção? Quais possibilidades de leituras uma definição curatorial entrega a seus interlocutores? A curadoria envolve o despojamento de

1. *Carlos Gomes* - Ator e Pedagogo. Coordenador do Núcleo de Artes Cênicas do Itaú Cultural

gostos pessoais, o exercício constante da humildade (o que é diferente de subserviência), uma escuta atenta – e inteligente – e disponibilidade incansável para se colocar como radar.

Na experiência vivida pela nossa equipe do Itaú Cultural, a curadoria tem sido um desafio cotidiano. Para além da concepção que envolve o exercício curatorial, nossa atenção busca firmar-se no diálogo entre nossa missão, que prevê as pontes entre a diversidade territorial deste país, com suas expressões singulares e também plurais, associada a discussões pertinentes a questões de nossa atualidade e de grande potência na interlocução com os públicos. Neste sentido, é necessário entender como a obra pode dialogar melhor no espaço que ocupa. Deve um espetáculo teatral, por exemplo, compor uma programação ordinária, estando em cartaz durante finais de semana, ou é preferível ele estar dentro de uma mostra, com ações formativas e reflexivas? As possibilidades são diversas, oferecendo a este ofício um lugar criativo, pulsante, revelador. Isto faz com que as camadas da gestão cultural e a arte de programar friccionem-se.

Nossa prática também abarca colocar-nos como espectadores, assistir ao máximo possível aos trabalhos que circulam pela cidade. E vale lembrar que a nossa equipe tem plena consciência de não poder dar conta de toda a produção cultural – e que bom! Em tempo, ainda estamos nos limites impostos pela localidade física, pois a sede do

Itaú Cultural é estabelecida na cidade de São Paulo/SP, mas buscamos, em nossas ações, a capilaridade nacional, seja por meio dos projetos apoiados, das itinerâncias de exposições e dos acompanhamentos de festivais. No que tange à realização do trabalho, outro aspecto muito importante é a experiência particular de cada componente da equipe, engendrando este tempo-espço para dialogar e trabalhar junto, com os seus conhecimentos diversos em suas vivências locais/globais nas artes cênicas, seja como gestor, curador, produtor, artista e, claro, espectador.

Mensalmente, realizamos encontros periódicos em que compartilhamos nossas experiências como espectadores e refletimos sobre o fazer artístico apreciado, ampliando nossas percepções sobre os trabalhos que, usualmente, são vistos por mais de um dos integrantes da equipe. Estes momentos servem-nos de lugar da criação, da concepção de nossas programações, do surgimento de projetos, de passos na direção de nosso eixo curatorial.

Um aspecto interessante advindo de tais momentos de compartilhamento foi compreender as necessidades de mudança da programação de teatro para crianças. Em um determinado momento, tínhamos a ação intitulada Final de Semana em Família, que compreendia oficinas para os adultos responsáveis e para as crianças, seguidas de apresentação de espetáculo

**Que territórios do
imaginário estão
sendo loteados e
para quais tipos de
construção?**

**Quais possibilidades
de leituras uma
definição curatorial
entrega a seus
interlocutores?**

infantil. Esta realização foi importante na construção da relação com os públicos e artistas, possibilitando-nos entender meandros das vivências institucionais a partir das atividades formativas e espetáculos artísticos. A experiência levou-nos a desenvolver melhor os espaços para contação de histórias, cursos e espetáculos teatrais,

também porque a demanda exigida à família era dispendiosa, já que esta se envolvia em atividades durante praticamente todo o dia, aos finais de semana, na instituição. Perguntávamo-nos: Onde propúnhamos um respiro ou espaço de convivência que não fosse uma série de atividades que se desenrolavam uma atrás da outra? E os espaços expositivos? E a curadoria do próprio espectador?

A observação destes pontos fez-nos reformular e apostar em outra direção. Ao percebermos que os cursos de teatro para crianças têm sido cada vez mais escassos na cidade, elaboramos um plano de ação continuada para a formação teatral de pré-adolescentes de 10 a 12 anos, com duração de 10 meses. As inscrições foram numerosas, ultrapassando 350. Para compor a turma de 30 crianças, dividimos o número de vagas por igual entre negros e brancos, observando a territorialidade, pois a cidade de São Paulo é grande e diversa, e, ao final, analisamos que houve uma pluralidade interessante de predicados. Como não podíamos exigir experiência, a seleção se deu por sorteio, e as características foram filtradas a partir da ficha de inscrição. O diálogo com a professora orientadora foi importante em um percurso que privilegiou o processo, mas que sempre norteou a experiência da cena, seja nos improvisos, seja na abertura final, em que houve presença de públicos (familiares, convidados, amigos). Outra ação importante foi a investida em assistir programação em conjunto, o incentivo à ida ao teatro e a aposta de como tornar

aquelas famílias interessadas na programação oferecida pela instituição e outros espaços culturais.

Já para os adultos responsáveis, as atividades propostas não são mais de compartilhamento de experiência no mesmo espaço que as crianças, mas de outra natureza, como criação literária, registros musicais e de audiovisual a partir de suas experiências pessoais. Ao mesmo tempo em que as crianças estão vivenciando o teatro, os adultos que as trouxeram também se aventuram em uma proposta formativa continuada.

Os espetáculos para crianças também seguem a toada dos adultos e são pautados a partir das apreciações *in loco*, da troca dos olhares entre os integrantes da equipe, dos diálogos possíveis com os públicos, das experiências de fruição, da ampliação das referências e pluralidades trazidas nos trabalhos artísticos, da interlocução direta que privilegia a criança como sujeito, como espectador pleno.

É desse modo que, na curadoria, nós temos exercido a composição de uma atmosfera de criação e mediação que acreditamos ter lugar e contribuição entre os artistas, suas obras e a sociedade. A curadoria pode desempenhar espaço perigoso de poder. Mas a arte provoca, invoca, faz-se presente e traz caminhos fecundos de inspirações e mesmo

microrrevoluções diárias, porque ela não se encerra em paredes, mas no encontro com o espectador. Assim a curadoria pode bem se vestir. Quem define as diretrizes do que apresentar? É neste sentido que, no primeiro parágrafo, aquelas questões para o autoconhecimento de quem realiza a curadoria foram postas. Um olhar que se nutre não só da consciência e conhecimento, mas também das inquietações e poesia, bons guias para uma escuta atenta e sensível para o acontecer artístico.



